

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND – UM PERCURSO SINGULAR (CONCLUSÃO)
2 de julho de 2022

RICHARD ZIMLER / 2009

de Solveig Nordlund

Realização e Produção: Solveig Nordlund / Imagem: Acácio de Almeida / Som: Armanda Carvalho, Paulo Curado / Montagem: Renata Sancho / Música: Pedro Marques (Riviera) / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em português / Duração: 25 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

DULCE MARIA CARDOSO / 2012

de Solveig Nordlund

Realização e Produção: Solveig Nordlund / Imagem: Acácio de Almeida / Som: Armanda Carvalho / Montagem: Paulo Mil Homens / Música Original: Pedro Marques / Assistência de Produção e Realização: Mariana Rodrigues / Assistência de Imagem: Filipe Palha / Fotografias: Alfredo Cunha / Pesquisa e Documentação RTP: Abel Pontes, Maria Inês Guerreiro / Cópia: Ficheiro, a cores e a preto e branco, falado em português / Duração: 27 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

ANA BACALHAU / 2013

de Solveig Nordlund

Realização e Produção: Solveig Nordlund / Imagem: Acácio de Almeida / Som: Armanda Carvalho / Música Genérico: Pedro Marques / Montagem: Renata Sancho / Assistência de Montagem: Mariana Escudeiro / Pós-produção de Som: Tiago Matos / Pesquisa e Documentação: Ana Paula Ramos / Direção de Produção: Raquel Morte / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em português / Duração: 27 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 79 minutos.

O que liga entre si Richard Zimler, Dulce Maria Cardoso e Ana Bacalhau? A resposta pode levar-nos por vários caminhos possíveis, mas, a meu ver, todos radicam num ato de programação da responsabilidade da realizadora homenageada por este ciclo, Solveig Nordlund. As pistas são várias e quanto mais pensamos no que junta – mas também no que separa – mais faz sentido a reunião destes “programas” de televisão, todos produzidos pela Ambar Filmes, produtora de Solveig Nordlund com Margarida Gil, mas filmados em anos diferentes, para séries diferentes da RTP. Não digo “sentido” com o intuito de esgotar esta sessão num mero jogo de semelhanças e diferenças, pelo contrário: o que propicia esta reunião é tanto o que separa como o que une, tal como em cinema é o corte que faz a ligação entre os planos. Senão vejamos: começamos na cidade do Porto, com Richard Zimler, e vamos desembocar na história da portuguesa e lisboeta Ana Bacalhau, na qual a tradição (renovada, reclamada) do fado atravessa as ruas da “cidade branca”. Ao mesmo tempo, contam-se histórias de desenraizamento ou (in)adaptação a uma cultura, entre um “lá e cá”, tanto no retrato feito do escritor

americano Richard Zimler como na história de vida, marcada pela experiência do “retorno” a Portugal a partir de Angola, partilhada pela escritora Dulce Maria Cardoso. Há a descoberta da escrita – todo um percurso feito de avanços e recuos – ou um processo de autodescoberta nos três “programas”: Nordlund entretém-se, sem forçar qualquer discurso feito sobre o assunto, com uma certa “desmontagem” da ideia de vocação. As três histórias aqui reunidas são o produto de um “percurso de vida”, o que é quase o mesmo que dizer: a arte foi tanto ao encontro destas três pessoas quanto elas foram ao encontro da sua arte.

Sobressai nesta sessão um tom descontraído – “natural”, para usar uma palavra gasta – em retratos de artistas disponíveis para falar generosamente sobre “o que querem dizer”, parafraseando a expressiva Ana Bacalhau. Curiosamente, senti ainda mais a questão da escrita neste último episódio do que nos anteriores. Não que “em si mesmo” o programa dedicado à vocalista dos Deolinda – pertencente à série *Conversas de Cabeleireiro* – fuja ao essencial da arte deste grupo musical que se inspira na tradição do fado dando-lhe uma roupagem moderna, quase *pop*, mas é a própria Ana Bacalhau que sublinha o seu papel de intérprete das palavras do letrista e guitarrista Pedro da Silva Martins. Alega não se limitar a cantar o que escreve Pedro da Silva Martins, pois só canta o que também quer dizer. Chega a confidenciar, quiçá antevendo a carreira a solo que se baseia num apetite por uma escrita mais “em nome próprio”, que não concebe escrever músicas para os Deolinda, uma vez que a unidade desta banda advém exatamente dessa escrita de fonte única.

Não tenho dúvidas: este tema da interpretação e da escrita ganha força – outra força – graças aos retratos anteriores, em que a questão da constituição de uma voz própria é central. Zimler, para o programa da série *Nós por Eles*, refere ter encontrado essa tal “unidade” quando sentiu ter em mãos a missão de escrever sobre os vencidos, desbravando caminhos novos numa história geralmente narrada sob a ótica dos vencedores. Por sua vez, Dulce Maria Cardoso, para o programa da série *Nós por Elas*, também se confessa realizada no seu papel de escritora dando voz aos que a não têm, nomeadamente interrogando-se sobre a maneira como o país *não tem* contado – isto é, tem evitado contar – a sua história. Parece-me que este tipo de ressonâncias confere outra força e relevância a cada retrato aqui trazido e justifica o salto do pequeno para o grande ecrã, desculpando perfeitamente o modelo audiovisual à base de “cabeças falantes” e imagens algo ilustrativas.

A responsabilidade é um grande assunto mais ou menos escondido tanto no programa de Zimler (essa incapacidade de assumir responsabilidades é identificada como principal problema que enfrentou na adaptação ao nosso país) como naquele que é dedicado a Dulce Maria Cardoso (da descolonização à tragédia de Entre-os-Rios, a escritora descobre uma narrativa, absolutamente “não-inscrita”, para citar José Gil, cravejada de oportunismos e muita cobardia). Já em Ana Bacalhau, e somente à primeira vista, a responsabilidade prende-se com as tradições – citando Zimler, as boas tradições que não devemos deitar fora, como o fado. De qualquer forma, e pensando mais um pouco, diria que o grande tema da responsabilidade nos dois primeiros casos vai ao encontro da urgência que Solveig poderá ter sentido na altura de escolher contar a história de Ana Bacalhau.

Em Janeiro de 2022, o *Blitz* considerava *Parva Que Sou* dos Deolinda, cantada pela primeira vez em 2011, uma das 101 canções que marcaram Portugal. A música foi

acolhida como uma espécie de hino de toda uma geração fustigada por crises atrás de crises, culminando com o pedido de ajuda externa ao FMI, nesse ano plúmbeo, cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir: “Que mundo tão parvo / Onde para ser escravo é preciso estudar / Sou da geração ‘vou queixar-me pra quê?’ / Há alguém bem pior do que eu na TV.” Isto para dizer: não haja dúvida de que o país Portugal é o grande retratado aqui, nesta “troika” constituída por Bacalhau, Zimler e Dulce Maria Cardoso. Se soubermos ouvir bem, neste lugar onde nos sentamos, em pleno ano de 2022, perceberemos como se fala – e se canta – o problema da responsabilidade – ou da falta dela – num país de permanentes “passa-culpas” ou onde a culpa costuma “morrer solteira”. A literatura e a música também têm esse poder: o de nos fazerem sentir mais o nosso lugar ou as nossas circunstâncias.

Luís Mendonça